

O FENÔMENO RELIGIOSO NO BRASIL EM PERSPECTIVA PENTECOSTAL¹

Elias Mande Laurindo André²

Natanael Amaral³

Joel Haroldo Baade⁴

RESUMO

Este artigo apresenta um panorama do fenômeno religioso no Brasil, sendo a religiosidade entendida como algo inerente da experiência humana. Discute-se o lugar da religião enquanto sistema simbólico e ideológico e as implicações disso na realidade humana e a sua organização em sociedade. A religião enquanto situação cultural é abordada abarcando a realidade da presença desde os primórdios da história humana, onde a presença religiosa é observada, naturalmente em sua forma primitiva. Nesse cenário observa-se ao longo da história uma evolução da religiosidade humana, evidenciada pela complexidade do fenômeno religioso que se apresenta hoje, fruto dessa gradativa construção. O desenvolvimento da dimensão religiosa do ser humano desemboca atualmente em um complexo panorama, um cenário plural no que tange ao fenômeno religioso, pois, embora a dimensão religiosa esteja presente no humano como um todo, o desenvolvimento disso dá-se das mais variadas maneiras, o que resulta nas várias formas que o ser humano se relaciona com o Transcendente, com o divino. Essa pluralidade é perceptível até mesmo dentro das próprias correntes religiosas, como se

¹ Artigo científico apresentado na disciplina de Fenômeno Religioso no Brasil, do Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade Refidim em junho de 2014.

² Elias Mande Laurindo André, Graduando em Teologia. Contato: eliasandre12@hotmail.com.

³ Natanael Amaral, Graduando em Teologia. Contato: naelmano@yahoo.com.br.

⁴ Joel Haroldo Baade, Doutor em Teologia. Contato: baadejoel@gmail.com.

identifica claramente no pentecostalismo brasileiro. Toda essa pluralidade, principalmente na realidade brasileira, apresenta desafios consideráveis à Teologia Pentecostal Brasileira, desafios que também são oportunidades formidáveis para teólogos pentecostais, que ainda hoje tem apenas rascunhos de uma teologia própria.

Palavras-chave: Fenômeno religioso; pluralidade religiosa; teologia; pentecostalismo; Brasil.

ABSTRACT

This article presents a panorama of the religious phenomenon in Brazil, religiosity being understood as something inherent to the human experience. The place of religion as a symbolic and ideological system and the implications of this in human reality and its organization in society is discussed. Religion as a cultural situation is dealt with approaching the reality of the presence ever since the beginning of human history, where religious presence is observed, naturally in its primitive form. In this scenario one observes throughout history an evolution of human religiosity, evidenced by the complexity of the religious phenomenon which is presented today, the fruit of this gradual construction. The development of the religious dimension of the human being currently flows into a complex panorama, a plural scenario with regards to the religious phenomenon, since, although the religious dimension is present in the human as a whole, the development of this takes place in various ways, which results in the various forms in which the human being relates with the Transcendent, with the divine. This plurality is perceptible even within the religious currents themselves, as is clearly identified in Brazilian Pentecostalism. All this plurality, especially in the Brazilian reality, presents considerable challenges to Brazilian Pentecostal Theology, challenges which are also wonderful opportunities for Pentecostal theologians who even today yet, have only sketches of their own Theology.

Key-words: Religious phenomenon; religious plurality; theology; pentecostalism; Brazil.

INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso é uma das dimensões constitutivas mais importantes do ser humano. A relação do humano com o Totalmente Outro, com o Transcende marca a história evolutiva da humanidade, e perpassa a vida humana em todas as culturas.

De todos os fenômenos humanos, o religioso é o mais robusto, o mais imponente, o mais fecundo, aquele que mais contribuiu para plasmar as culturas e fecundar as grandes civilizações, e que, mais do que qualquer outro, ajudou a humanidade a superar a mera animalidade.⁵

De toda a dimensão que constitui o humano, a religiosidade é aquele que tem mais representatividade em sua realidade. Não é o fenômeno religioso restrito a determinada área do humano, como sendo apenas mais uma na constituição deste, mas é talvez a única dimensão que está presente na vida como um todo. “O fenômeno da religião abarca a humanidade toda, tanto em termos de espaço como de tempo, e não apenas este ou aquele grupo social de uma época histórica particular”.⁶ Assim se tem uma ideia do tamanho e importância do fenômeno religioso.

Neste artigo se pensará a influência do fenômeno religioso na vida do homem como um todo. Como ponto de partida se tem a religião enquanto sistema simbólico e ideológico, e o que ela representa enquanto situação cultural, pontuando a religião como um sistema que tanto media como delinea parâmetros para vida do homem. A religião será também analisada enquanto situação cultural, pois é inerente ao humano, é parte integrante e até formadora da cultura desde os primórdios da humanidade, até a pluralidade religiosa acentuada atualmente pelo pentecostalismo no Brasil. Ao analisar o contexto atual do fenômeno religioso se discorrerá sobre o hibridismo e mimetismo religioso, que é elemento de construção do cenário líquido da religiosidade atual, com foco no pentecostalismo. Diante de dessa leitura do fenômeno religioso, se pensará então a respeito dos desafios para a Teologia Pentecostal brasileira diante de tamanha pluralidade.

⁵ MONDIM, Battista. *Quem é Deus*: elementos de teologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1997. p. 49.

⁶ MONDIM, 1997, p. 49.

2 A RELIGIÃO COMO SISTEMA SIMBÓLICO E IDEOLÓGICO

A religião, seja ela qual for, em gênese trata da relação entre o homem e o divino, com aquilo que supostamente transcende a dimensão do que é entendido como racional. Embora o objetivo da experiência religiosa seja o Transcendente, “trata-se de uma experiência *humana*, própria do ser humano e condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural”.⁷ Mesmo que a experiência religiosa invariavelmente está para além daquilo que é totalmente compreensível ao humano, é também uma realidade humana, é uma experiência vivenciada dentro do limite de compreensão humano. Assim uma forma de mediação é exigida para a concretização da experiência religiosa.

Para pensar a respeito de Deus, ou de qualquer ideia teísta faz-se necessário uma elucidação minimante satisfatória,

é essencial que ela defina divindade com clareza, caracterizando-a com atributos como espírito, razão, vontade, intenção, boa vontade, onipotência, unidade da essência, consciência e similares, e que ela portanto seja pensada como correspondendo ao aspecto pessoal-racional, como o ser humano o percebe em si próprio de forma limitada e inibida.⁸

Embora qualquer tentativa de definir o transcendente esbarre na limitação de compreensão e conceitos do humano em relação ao totalmente outro, ela é imprescindível. Não há conversa, não existe religião se não houver, por mais carente que seja uma definição, uma caracterização da divindade em questão. Embora essa caracterização sempre se dará em termos e condições humanas, pois sempre será e nunca irá além, a percepção humana do divino, e a tentativa de traduzir, de desvelar essa percepção em

⁷ CROATTO, Jose Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 41.

⁸ OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007. p. 33.

atributos humanamente compreensíveis. Mesmo que caracterizado por atributos e “que por meio deles não chegam a ser reconhecidos, tão pouco neles podem ser reconhecidos, mas precisa ser reconhecido de outro modo”.⁹ Mesmo que todo esforço nesse sentido não consiga alcançar plenamente o objetivo, mas faz o que é possível dentro da realidade na qual está inserida. Essa é a tensão que qualquer sistema simbólico que busque caracterizar o transcendente, pois é tentar traduzir o intraduzível, fazer compreensível ao humano aquilo que está para além dele. Ainda que essa tensão seja permanente e que não se consiga plenamente caracterizar o transcendente, esse esforço precisa ser empreendido, “pois de alguma maneira ele precisa ser apreensível; não fosse assim, nada se poderia dizer a seu respeito”.¹⁰ Mesmo que apenas uma “imagem distante”, é preciso buscar compreensão do divino através do simbólico, pois sem isso nenhuma palavra poderia ser dita, e nenhuma religião seria possível.

É natural que dentro dessa perspectiva se forme um sistema que permita a representação, ou aproximação entre o “sagrado” da religião e a realidade humana. Assim torna-se indispensável e caminho natural o surgimento do simbolismo, que permite em certa medida a relação entre o homem religioso e o transcendente da religião.

Assim como a experiência da Realidade transcendente (o Mistério ou qualquer que seja seu nome) é o núcleo do fato religioso, o símbolo é, na ordem da expressão, a linguagem originária e fundante da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as demais.¹¹

Ou seja, após o momento nascituro da religião, “a experiência com a Realidade transcendente”, o símbolo religioso é a continuidade natural e imprescindível para a experiência religiosa. É só através desse sistema simbólico que é possível a experiência religiosa do homem.

⁹ OTTO, 2007, p. 34.

¹⁰ OTTO, 2007, p. 34.

¹¹ CROATTO, 2010, p. 81.

“O símbolo é a chave da linguagem inteira da experiência religiosa”.¹² Não há experiência religiosa sem a mediação de um sistema simbólico, seja qual for a religião, a mediação do símbolo é uma realidade. Para ser vivenciada, a religiosidade precisa necessariamente “falar” ao homem, fazer-se entender mesmo envolta pela aura do “Mistério”. Assim a religião invariavelmente em certas análises, recortes feitos para o estudo, é entendida como sistema simbólico, ideológico. Embora falar nesses termos aparente ser uma desmistificação da fé, da experiência religiosa, não é esse o objetivo, pensar a religião como sistema simbólico é lançar luz sobre uma realidade da experiência religiosa que em linhas gerais é negligenciada, porém é indispensável para a compreensão do fenômeno religioso.

O símbolo em termos elementares é a ponte entre o sujeito religioso e o Transcendente da religião, diz Croatto quando afirma que o lugar primeiro do símbolo é exatamente entre esses dois extremos da experiência religiosa.¹³ O sistema simbólico com toda sua limitação é o elo entre o humano e o divino, é o que torna possível essa relação.

Pensar a religião como um sistema além de simbólico, ideológico pode gerar questionamentos se considerar-se o conceito de ideologia de Marx por exemplo. Mondim diz que para Marx “a ideologia está a serviço do poder” e que sua razão de ser “é garantir uma justificação do sistema e do poder que nela vigoram”.¹⁴ Dentro dessa perspectiva então à religião não se aplica o termo de sistema ideológico, pois como Mondim assevera que a religião “é, por definição, submissão a Deus”.¹⁵ Porém, “a ideologia pode também instrumentalizar a religião, mas em si mesma a religião é a mais indomável inimiga da ideologia”.¹⁶

¹² CROATTO, 2010, p. 81.

¹³ CROATTO, 2010, p. 83.

¹⁴ MONDIN, 1997, p. 70.

¹⁵ MONDIN, 1997, p. 70.

¹⁶ MONDIN, 1997, p. 70.

Tomando, porém, a definição fria e aberta do dicionário Michaelis online que diz que ideologia é uma “Maneira de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo de pessoas.” Então se pode pensar na religião como um sistema ideológico. Falando a partir da perspectiva cristã, Mondim diz que “é a religião que estabelece o que o homem deve fazer para que sua conduta possa resultar moralmente boa e, portanto, agradável à divindade”.¹⁷ A religião pede resposta a um conceito moral, um comportamento que satisfaça exigências morais exigidas para o bom relacionamento com Deus. “Religioso é o homem que se deixou apanhar por Deus, que se converteu ao Totalmente Outro e que, conseqüentemente, se deixa guiar por ele em todo o seu agir”.¹⁸

3 A RELIGIOSIDADE ENQUANTO SITUAÇÃO CULTURAL

A religiosidade perpassa todas as culturas presentes no mundo. Das formas mais variadas e das mais diferentes realidades, a religião se faz presente em todas as culturas.

A experiência religiosa se apresentou como rascunhos culturais iniciais no processo de humanização, tornando-se, ao longo deste, numa sistematização de práticas, crenças e ritos que se solidificaram de muitas maneiras em contextos específicos.¹⁹

Gandra afirma aqui que, embora não de forma institucionalizada ou ao menos organizada, a religião faz parte da realidade humana desde a gênese do processo humanização. A experiência religiosa neste momento parece ser apenas uma experiência de fato, sem a mediação de um sistema simbólico, e ainda muito distante da religião institucionalizada que conhecemos atualmente.

¹⁷ MONDIN, 1997, p. 75.

¹⁸ MONDIM, 1997, p. 75.

¹⁹ GANDRA, 2013, p. 99.

A partir dessa constatação parece natural imaginarmos que a experiência religiosa, ou a dimensão religiosa é algo inerente ao ser humano, porém, Gandra afirma que embora a dimensão religiosa esteja presente desde as origens, não é algo inerente ao homem de forma biológica, e sim “como algo constitutivo dos múltiplos questionamentos frente aos fenômenos naturais e à fragilidade da vida em relação a estes, surgindo então, uma busca pelo sentido da vida”.²⁰ A religiosidade como inerente ao humano é então uma forma, ou uma dimensão da humanidade que responde, reage frente aos desafios impostos pelo meio ao homem que nele vive.

Se a dimensão religiosa é inerente ao humano, embora não de forma genética, mas como ato constitutivo, o grau de importância que essa dimensão tem na realidade humana também é consideravelmente importante. Rudolf Otto classifica a dimensão religiosa não apenas como inerente, mas também exclusiva do ser humano, segundo ele “se existe um campo da experiência humana que apresente algo próprio, que apareça somente nele, esse campo é o religioso.”²¹ Para ele, isso chega a ser “espantoso”, esse único, ou ao menos o mais exclusivo dos campos que aparece na experiência humana ser o religioso. Tem-se então que o campo religioso é um dos mais acentuados pontos que distinguem o humano.

Mircea Eliade ao analisar as religiões contemporâneas assevera que em qualquer cultura, seja nas que possuem abundante documentação histórica, ou nas mais primitivas e com poucas fontes históricas, com respeito à questão do relacionamento com o sagrado quase sempre se achará tal complexidade “que pressupõem uma longa evolução histórica”.²² Ou seja, as religiões que hoje se apresentam em sistemas elaborados e

²⁰ GANDRA, 2013, p. 98.

²¹ OTTO, 2007, p. 35.

²² ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

complexos passaram por um longo processo de evolução, e ganharam complexidade, ou profundidade ao longo deste. É natural então que a sistematização das religiões dá-se à medida que os desafios se apresentavam exigindo respostas, reações, e repetia-se a ponto de permitir a produção de uma elaboração que ganha cada vez mais complexidade para dar respostas cada vez mais satisfatórias.

Dentro dessa evolução do fenômeno religioso sempre se encontrou uma realidade de polarização, de dualismo, situada principalmente dentro da tensão entre “transcendência” e “imanência” para se falar em termos cristãos.

É bem possível e quase provável que o sentimento religioso, na primeira etapa da sua evolução, tenha eclodido primeiro apenas com um dos seus polos, qual seja, o *distanciador*, tomando forma inicialmente apenas como receio demoníaco.²³

E no princípio da evolução religiosa, a balança pendia para a dimensão transcendente do divino, para o lado “assombroso” do divino. Isso é natural quando se pensa em termos de uma evolução religiosa, pois o desconhecido é temível, e no princípio o divino era muito mais desconhecido, com noções religiosas muito mais primitivas, é natural que o distanciamento fosse acentuado, ou até um sentimento exclusivo quanto ao divino.

Também é válido destacar que dentro desse processo de construção da dimensão religiosa, ou da relação com o “sagrado”, acentua-se em tempos relativamente recente uma polaridade, um dualismo entre o “sagrado e o profano”, entre a “vida religiosa e vida secular”. Porém a realidade pós-moderna traz novas nuances para essa relação dualista, aparentemente há um rompimento da polaridade entre o sagrado e o secular. Com o desencantamento do mundo a secularização imperava nessa

²³ OTTO, 2007, p. 69.

polaridade, o fato de rompimento da polaridade não indica uma inversão na primazia, mas sim o estabelecimento de uma tensão entre os dois polos. Isso se evidencia no surgimento de “Novos Movimentos Religiosos” que surgem exatamente nesse espaço entre o secular e o sagrado, evidenciando a coexistência dos dois polos mediados exatamente pela tensão entre eles.²⁴ Talvez a partir desse fato constatado enteja nascendo uma tendência de unidade, tensa e complexa, mas que vem como possibilidade ante ao dualismo padrão até então. Mas mesmo diante dessa nova realidade Camurça constata que as posições teóricas do país ainda seguem a tendência de polarização, segundo ele divide-se “de um lado, a posição que analisa esta revivescência religiosa como reforço da secularização, e outra, na direção oposta, como irrupção do sagrado e ‘reencantamento do mundo’”.²⁵

Ao voltar o olhar particularmente para a realidade da relação brasileira com o sagrado, nota-se que

Sempre houve uma dimensão religiosa na cultura brasileira, porém, ela torna-se mais plural na contemporaneidade. Uma força religiosa emergente possui feições evangélicas, em particular de traço pentecostal.²⁶

É natural que a realidade brasileira acompanhe a lógica geral, antes mesmo do processo colonizador já havia aqui presente uma dimensão religiosa. A pluralidade que se acentua no atual cenário religioso tem como grande catalizador, o pentecostalismo, e se a “força religiosa emergente possui feições evangélicas”, com acentuado destaque ao pentecostalismo, é fato que também este tem muitas feições, ou faces diferentes, que delineiam um horizonte cada vez mais plural dentro dessa suposta unidade chamada pentecostalismo.

²⁴ CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.

²⁵ CAMURÇA, 2008.

²⁶ GANDRA, 2013, p. 110.

4 A DIVERSIDADE RELIGIOSA NO BRASIL

4.1 *As religiões indígenas*

A quando do descobrimento dos povos indígenas no Brasil, estima-se que existiam mais de mil povos, hoje estes estão reduzidos a cerca de 200 povos diferentes, com 170 línguas, com isto, torna-se inadequado falar de religião indígena, é mais credível falar de religiões indígenas.

As religiões indígenas fazem parte do grupo das religiões mais antigas, dos nossos ancestrais. Foi através delas que eles deixaram-nos a herança da noção do divino. Porém, quando se fala de religiões, a grosso modo, elas são esquecidas como se não tivessem um lugar nesta categoria.

Segundo Émile Durkheim, as religiões indígenas têm a mesma importância que as outras religiões:

[...] não são menos respeitáveis do que as outras. Elas respondem às mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas; portanto podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa.²⁷

A religião indígena, não se difere muito de outras religiões na sua organização de liderança. Apesar de não ser constituída de um grupo de líderes como as demais religiões, também possuem um líder máximo denominado Xamã ou Pajé em português.

Segundo Mircea Eliade desde o princípio do século XX,

os etnólogos adotaram o costume de empregar indistintamente os termos xamã, homem-médico, feiticeiro ou mago, para designar determinados indivíduos dotados de prestígio mágico-religioso e reconhecidos em todas as “sociedades primitivas”.²⁸

²⁷ Émile Durkheim apud LARAIA, 2005.

²⁸ ELIADE, 1994.

O surgimento dos Xamãs ou Pajés na maioria das tribos indígenas é por hereditariedade, ou seja, só aqueles cujo pai o são, podem tornar-se algum dia. Porém, em algumas tribos como os *assurinis*, do Rio Tocantins, procede-se de modo diferente na busca ou identificação do Xamã.

Entre os *assurinis*, do Rio Tocantins, constatamos a existência de um ritual denominado *opetimo* (literalmente: comer fumo) que tem como objetivo identificar, entre os jovens, aqueles que têm o potencial de se transformar em um *pai'é*. Entre cantos e danças, os candidatos fumam um grande charuto de tabaco, engolindo a fumaça. Os que se sentem mal, ou seja, têm ânsia de vômitos, são descartados. Os que desmaiam são os escolhidos.²⁹

Assim é feita a escolha que é entendida como forma de escolha divina, sempre dentro da concepção indígena, em que aqueles que apresentam efeitos colaterais antes de desmaiar são supostamente rejeitados pelos deuses para o exercício da função.

4.2 O catolicismo

O termo catolicismo, por mais que não seja familiar a muitos, é fácil de encontrar uma definição ou uma semelhança para de defini-lo. O termo nos remete à religião católica. Oriundo do grego (ἐὰν ἐῖεῖν) *katolikos*, o termo pode ser transliterado como geral ou universal. O catolicismo engloba a fé católica, suas doutrinas, liturgia, princípios éticos e comportamentais.

A presença do catolicismo no Brasil é intrínseca ao período de conquista e colonização do Brasil pelos portugueses. O catolicismo brasileiro é proveniente do catolicismo medieval mediterrâneo, oriundo de Portugal e associado ao regime colonial. Nos seus primórdios, era

²⁹ LARAIA, 2005.

caracterizado por uma predominância leiga e como um instrumento de sociabilidade. Seu caráter leigo é dado pela escassez clerical.

Pelo fato do catolicismo ter chegado ao Brasil por intermédio do colonialismo Português, este sempre esteve entrelaçado ao estado. Estabelecendo relações de interdependência. Muitas vezes, o estado interferia nas tomadas de decisões da igreja, como bem na escolha de seus líderes. Em alguns momentos, estas relações geravam conflitos entre ambos, pois o Estado interferia na escolha dos bispos e tomava medidas contra a igreja como fechamento dos noviciados das ordens religiosas por muitos anos e prisão de bispos que tentavam livrar as irmandades das influências maçônicas, como aponta Azevedo.³⁰

Com a separação da igreja e do Estado, eclodiram mudanças significativas mudanças que conferiram à igreja um novo rosto. Rosto este que se refletiu numa maior prosperidade por parte da igreja. Antes a igreja não exerceu uma grande expansão, porque a hierarquia de governação resistia à criação de novas circunstâncias eclesiásticas. A separação e consequente independência da igreja promoveu seu caráter autônomo, com isto, abriram-se novas arquidioceses em vários cantos do país.

Podemos fazer presente aqui algumas características que o catolicismo tomou depois de sua separação do Estado, como mencionadas por Azevedo:

1º) a organização de uma ativa elite de católicos piedosos e instruídos; 2º) a popularização do culto eucarístico fomentado pelos grandes congressos eucarísticos nacionais e diocesanos, os quais promoveram o aumento da frequência dos sacramentos e uma integração religiosa mais completa de muitas pessoas, especialmente nos centros urbanos; 3º) a substituição gradual das antigas irmandades religiosas, agora reduzidas a obras

³⁰ AZEVEDO, Thales. *O catolicismo no Brasil: um campo para pesquisa social*. EDUFBA (editora universidade federal da Bahia). 2002.

assistenciais e órgãos de classificação social dos seus membros, por associações mais dedicadas à formação espiritual e à ação religiosa; 4º) a expansão do sistema educacional católico no nível secundário e, no universitário, a criação de universidades católicas.³¹

No Brasil, ser católico não está unicamente relacionado a professar a fé católica, frequentar cultos católicos ou ter passado por qualquer dos sacramentos da religião católica. Muitos assumem ser católicos por pertencerem a uma sociedade na qual a religião faz parte dos primeiros fatores que constituem a construção do sujeito. Pelo facto da religião católica apresentar-se como menos exigente em comparação com outras religiões, as pessoas apegam-se a ela, visando satisfazer as demandas de que todo indivíduo direta ou indiretamente deve pertencer uma religião. Muitas vezes, esse apego à religião católica serve como garantia de um sentido de existência ou manifesto do numinoso.

Na sua imensa maioria, a população brasileira é católica “sem Igreja”, escapa à Igreja. De forma lapidar: muito santo pouco sacramento, muita reza pouca missa, muita devoção pouco pecado, muita capela pouca igreja. Um catolicismo antes epicurista que estoico, antes “dionisíaco” que “apolíneo”. Tudo isso sem quase nenhum sustento institucional especificamente católico, num vasto campo religioso eventualmente aberto às mais diversas institucionalizações provenientes dos horizontes culturais do País.³²

Apesar de a matriz católica ser caracterizada por uma rígida moral sexual, como foi conhecida nos seus primórdios, centrada nos sacramentos e no monopólio do clero desses sacramentos e pelo ensinamento doutrinário, centralidade esta que faz do sacerdote o fulcro de todas as iniciativas dos cultos (missas), deixando aos participantes apenas a responsabilidade de segui-lo, hodiernamente observa uma variação na

³¹ AZEVEDO, 2002, p. 36.

³² AZEVEDO, 2002, p. 15.

configuração do catolicismo. Há uma ampla presença de movimentos carismáticos, onde o falar em línguas tem um lugar preponderante, e uma ênfase ou estimulação na busca por outros dons do espírito, o que pode ser caracterizado como uma influência do pentecostalismo, pois a ênfase nos dons do espírito é característico do pentecostalismo.

4.3 As religiões afro-brasileiras

Ao falarmos sobre religiões afro-brasileiras, estamos a debruçar-nos a respeito das crenças e manifestações cúlticas dos escravos africanos, que foram trazidas ao Brasil e conectaram a cultura brasileira. O sistema cúltico dessas religiões é majoritariamente configurado por esquemas ritualísticos, simbologias e muitas vezes por inúmeros mitos.

Os cultos afro-brasileiros não são unicamente expressão de devoção a uma determinada divindade, vão muito além disso. São expressões de reverência aos ensinamentos dos ancestrais, que assinalam a marca identitária dos que professam tal fé, também servem de preservação da identidade cultural. Os cultos servem de memorial, remetem ao povo afro um retorno às origens, um vivenciar de maneira concreta as experiências dos ancestrais. “Elas são responsáveis pela preservação, reelaborações e reconstruções das memórias e dos valores ancestrais presentes no Brasi”.³³

As comunidades terreiros representam o lugar de encontro com os memoriais. [...] As comunidades-terreiro são espaços de afirmação dos valores civilizatórios africano-brasileiros e territorialidades gestadoras, não só dos primeiros embriões, que deram sentido e forma aos movimentos negros, como demais formas de insurgências, sejam artísticas, musicais, ético-estéticas, entre outras.³⁴

³³ SANTOS, 2011, p. 02.

³⁴ SANTOS, 2011, p. 02.

Podemos olhar também para as religiões afro-brasileiras como comunidades significativas na construção de laços de solidariedade e interesses comuns, e consequentemente comunidades terapêuticas. E isto pode ser verificado como atesta Santos:

Contudo, apesar da negação sistemática dessas crenças, as religiões africanas puderam sobreviver no exílio porque, como sistema de crenças, foram reelaboradas e reproduzidas como um mecanismo ideológico no qual se fundamentaram, em parte, as próprias lutas de liberdade dos negros da diáspora.³⁵

Apesar de estas religiões serem mantenedoras de preservações identitárias, são religiões flexíveis, sujeitas a contextualizações ou readaptações. Estão sujeitas às novas inserções de acordo com os mais variados contextos sócio históricos, atendendo às diversidades culturais, bem como às diferenças ideológicas dos seus aderentes.

Estas religiões conferem aos que as professam um senso de reafirmação. Nelas estes encontram uma forma de expressar que apesar de serem diferentes em termos de etnias, devem ser vistos de maneira igualitária pelo fato de serem humanos. O fato de serem humanos lhes habilita a usufruírem dos direitos e deveres de qualquer ser humano.

As religiões de matrizes africanas são religiões de afirmação e (re) afirmação das identidades dos povos negros no Brasil, frente a sua sociedade inquestionavelmente preconceituosa e racista que valoriza apenas identidades, representativas dos povos de “valores brancos”, insistentemente, adotadas como padrões e referências em todos os aspectos, por isso, devem ser imitadas, em detrimento de quaisquer outras formas ou manifestações de identidades aqui presentes.³⁶

Vale ressaltar aqui os nomes característicos da religiões afro-brasileiras: 1) Umbanda; 2) Candomblé; 3) Encataria; 4) Babuque; 5) Batuque; 6) Quimbanda; 7) Xambá e 8) Xangô do Nordeste.

³⁵ *Apud* NEVES, 1986, p. 172.

³⁶ SANTOS, 2011, p. 06.

Desde o período de escravatura, as religiões afro-brasileiras nunca foram bem aceitas pela sociedade. Muitos esforços foram empreendidos com o intuito de extingui-la do território brasileiro, esforços estes que acabaram por enfraquecer. Pois, tirar dos escravos a sua religião, era como tirar deles a própria alma (*néfesh*, o fôlego de vida), o sentido de existência. Seria impedi-los de vivenciar o numinoso que é algo ontológico. Nos dias atuais, apesar de ser diferente e serem aceitas, ainda há um determinado preconceito na maneira como essas religiões são vistas.

4.4 Os protestantismos

O termo protestantismo é oriundo da reforma protestante do século XVI, a quando de uma revolução eclesiástica na Europa ocidental, que gerou significativas mudanças na esfera religiosa que por muito tempo estava sob o domínio da igreja católica. Martinho Lutero é considerado o precursor do movimento reformador, por conta das suas 95 teses, onde enfatiza a fé e a palavra (Bíblia) como elementos mais significativos na relação entre o ser humano e Deus. Porém, nunca foi seu intento romper com o catolicismo. Com propagação das ideias de Lutero surgiram outros reformadores, porém muito mais radicais como Zuínglio e Calvino, que defendiam um rompimento com o catolicismo.

Nosso intuito é não atentar-se muito ao protestantismo dos reformadores, mas aos protestantismos presentes no Brasil, como segue abaixo.

Protestantismos em lugar de protestantismo pelo fato de ele se apresentar de maneira multifacetada, com características divergentes umas das outras, bem como sujeitos ao devir que permeia a sociedade brasileira, que tende a conferir-lhe uma nova roupagem com o passar do tempo.

É crucial fazer uso de uma classificação protestantismo para maior compreensão do uso desta palavra no plural: protestantismo de emigração,

protestantismo de missão, protestantismo pentecostal e o contemporâneo protestantismo gospel.

Protestantismo de emigração era predominantemente étnico, protestantismo de missão era predominantemente proselitista, o protestantismo pentecostal era predominantemente escatológico e o protestantismo contemporâneo é gospel.³⁷

Apesar desta divisão, o protestantismo em si, apresenta-se como uma separação do “mundo”, o abandono da vida anterior para uma nova vida de acordo com os ditames da fé cristã. Neste, o indivíduo considera-se como estrangeiro, como alheio à vida na terra. Muitas vezes, deixando de cumprir com suas obrigações enquanto cidadão do mundo.

4.5 O neopentecostalismo

O neopentecostalismo é a última vertente pentecostal que despontou no cenário brasileiro na década de 1980. Vem a partir de então o surgimento de um sem número de novas igrejas, denominações pentecostais que em muito contribuíram para uma explosão de crescimento pentecostal no Brasil, seja pela adesão nas denominações pentecostais propriamente ditas, ou pela influência que o neopentecostalismo passa a exercer no pentecostalismo.

Magali do Nascimento Cunha faz distinção, no cenário nacional, entre o pentecostalismo, que chama de “Pentecostalismo de Missão”, e o neopentecostalismo que chama de “Pentecostalismo Independente”.

Ambos têm ênfase na dimensão mística e emocional da expressão religiosa, no entanto, enquanto o de Missão tem raízes fora do Brasil e é baseado em um corpo de doutrinas calcadas no batismo do Espírito Santo, na busca de santificação e na ética restritiva de costumes, herdadas na maioria de trabalho missionário, o Pentecostalismo Independente é caracterizado pelo surgimento de um sem número de igrejas autônomas, organizadas em torno

³⁷ ALENCAR, 2007, p. 37.

de líderes, e baseia-se nas propostas de curas, de exorcismo e de prosperidade sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a bênção divina.³⁸

Dentro de um assunto onde nem os teóricos têm uma definição clara sobre o neopentecostalismo, se é ainda pentecostalismo, definir os pontos de diferenciação entre o “Pentecostalismo Independente” e o “de Missão” é o solo mais confiável a se pisar. Assim como definição lógica tem-se essa construção do “Pentecostalismo de Missão” que busca se estabelecer sobre um gama de doutrinas, de padrões e de destaque de certa maneira ao puritanismo, enquanto o “Pentecostalismo Independente” é erigido em torno de personalidades cristãs, que arrebanham multidões com seu carisma, e permitem uma abertura muito maior, derrubando exigências de costumes, hábitos, ampliando em muito as possibilidades características de pessoas que aderem a suas igrejas.

5 O HIBRIDISMO E MIMETISMO RELIGIOSO

Como base para o desenvolvimento desse tópico é necessário antes de qualquer consideração uma definição dos termos em questão, que embora não sejam sinônimos, na questão religiosa são complementares para uma análise da realidade contemporânea. Assim, define-se hibridismo como “Qualidade que provém de naturezas diferentes” (Michaelis online) e mimetismo como “Capacidade que têm certos animais e plantas de adaptar-se a cor do ambiente ou de outros seres ou objetos para passarem despercebidos. Mania de imitação. Disfarce.” Para esta breve construção sobre o tema, tem-se por fundamento então a apropriação de diferentes elementos que criam uma nova realidade religiosa, e um desprendimento que permite uma realidade de “imitação” do outro, visando corresponder às expectativas atuais quanto à religião.

³⁸ CUNHA, 2007, p. 48-49.

Magali do Nascimento Cunha ao tratar do “hibridismo *gospel*”, realidade que impera no pentecostalismo nacional atualmente, afirma que o objetivo deste “é a geração de uma cultura de manutenção e não algo novo, transformador, desafiador, que responda às demandas sociopolítico-econômico-culturais do tempo presente”.³⁹ Nesse caso, o hibridismo religioso, naturalmente acompanhado do mimetismo, tem como objetivo fazer da religião algo que corresponda às expectativas da sociedade contemporânea, que venha ao encontro das demandas atuais por religiosidade. Talvez em termos religiosos, o hibridismo e o mimetismo tenham de fato essa função, não a criação de algo novo a priori, mas a manutenção da religiosidade a tornando aceitável à sua época, ou até mesmo uma maneira de validação social da religiosidade face às transformações que a sociedade na qual está inserida passa. Embora esse anseio seja verdade no movimento *gospel*, o hibridismo também em que “a cultura *gospel* traz em si elementos do conservadorismo protestante expressos por meio de um ‘invólucro’ de modernidade”.⁴⁰ Parece aqui que o movimento *gospel* tenta harmonizar o aparente desejo paradoxal existe atualmente, de se ter uma religiosidade cristã liberal, que seja realmente aberta ao novo, mas que também possua elementos conservadores tão característicos do, por assim dizer, “cristianismo histórico”.

6 DESAFIOS TEOLÓGICOS PENTECOSTAIS FACE AO FENÔMENO RELIGIOSO NO BRASIL

O Brasil tem um solo extremamente fértil no que tange às religiões. Com isto, considera-se como um lugar de interesse relevante para pesquisas ou estudos do fenômeno religioso, pois encontramos num único contexto, vários contextos como se fossem ramificações. Por mais que se apresente

³⁹ CUNHA, 2007, p. 32.

⁴⁰ CUNHA, 2007, p. 32.

como um quadro complexo de se compreender, é fascinante. Fascinante pelo fato que pessoas que professam religiões totalmente opostas umas das outras conseguem estabelecer um ambiente de paz, tranquilidade e muitas vezes de cooperação. Não há registros de uma ostensiva militância denominacional, apesar dos embates midiáticos.

Neste trabalho buscamos atribuir a este fenômeno uma nomenclatura que pudesse “caracterizá-lo”, digamos de maneira superficial que é: dissoluto-humano.

Dissoluto por se apresentar como algo livre, que não se prende a preconceitos ou ideias pré-estabelecidas, mas que pode ser considerado como algo que a todo tempo busca romper com os moldes nos quais o humano tenta contê-lo, e funda-se novamente como uma face diferente, mas de igual essência. Com isto cabe ao teólogo pentecostal olhar para o fenômeno religioso como algo que está sujeito a continuas realizações, como um projeto no qual a cada dia coloca-se um novo elemento.

Deve-se olhar para a diversidade religiosa como um projeto inacabado do qual ainda esperamos muito. Com isso, estar aberto para se relacionar com o diferente, sem julgamento, sem estabelecer juízos de valores, porém, como possibilidade de diálogo construtivo, de onde podem emanar novas elaborações teológicas ou novos conhecimentos, ou ainda novas religiões, é crucial.

Humano pelo fato da diversidade religiosa mostrar-se como algo oriundo da antonímia “igualdade-desigualdade” existente entre os seres humanos. Somos iguais pelo fato de todos buscarem algo no qual se apegar. Desiguais por suprimos essa carência de amparo de maneira diferente e diversa. Na busca pelo transcende, todos estão munidos de uma mesma essência que os impele, porém toma-se caminhos diferentes com base nas escolhas individuais. Nisto, também podemos encontrar uma justificativa para o fenômeno religioso brasileiro.

Também podemos entender por meio da diversidade religiosa que nos circunda a falibilidade do ser humano, pelo fato de tais religiões terem sido criadas pelo próprio homem, como desejo de encontrar uma religião que se encaixe nas diversas formas que se compreende a relação com o divino e o descontentamento com o habitual.

Este fenômeno religioso nos remete a não olhar pra o pentecostalismo como algo hegemônico que se apresenta com uma única face. Apesar de sua marca central ser a ação pneumatológica, ele não está preso a moldes doutrinários, ele mostra-se como um movimento de atualizações, adequações, reelaborações e dinamismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão religiosa é talvez a mais ampla no humano, se não, ao menos a que exerce uma maior influência na constituição desse. Não é uma dimensão que se encerra em si mesma, mas é levada e influencia toda a realidade vivida pelo homem. O Fenômeno Religioso em maior representatividade é um fenômeno humano, ainda que trate da relação com o Transcendente, com o divino, é a visão humana dessa relação. A religião nessa perspectiva é o elo, é a ponte que torna possível essa relação, é o sistema que, com todas as limitações impostas pelo “humano”, busca desvelar o sagrado em termo compreensível ao homem. Ao fazê-lo, lança-se ao impossível, que é de fato traduzir, representar aquilo que é indizível, incompreensível ao homem, a saber, o sagrado.

Mesmo que quase todas as religiões pressuponham uma revelação direta, um desvelamento ao humano por parte da própria divindade, as religiões como se tem hoje são resultado de um longo processo de evolução que ainda está em curso. Se assim não fosse, não poderia dizer que esse é, em gênese, um fenômeno humano. Esse processo de

evolução resultou no pluralismo religioso que se observa no mundo, pois embora a dimensão religiosa seja inerente ao humano, o desenvolvimento disso se deu dentro de realidades distintas, de demandas totalmente diferentes, impostas pela realidade de cada sociedade. Essa pluralidade é clara no cenário religioso brasileiro, onde até mesmo dentro da corrente pentecostal, se acha um sem número de tradições, ou “não tradições” que ainda são um desafio para serem definidas pelos estudiosos.

Tudo isso proporciona uma desafiadora realidade para a Teologia Pentecostal, ainda em fase inicial no Brasil, que tem de responder adequadamente a essa realidade que é fruto de influências das mais variadas áreas. Assim, o caminho adequado é um olhar sincero e imparcial sobre tudo o que se vive, sem ceder à tentação de sempre demonizar o outro em postura apologética, considerando de fato quais foram os fatores que levaram a realidade ser o que ela é hoje, e então buscar responder a esse desafio de maneira que venha a se afirmar no campo teológico, conquistando validação e autonomia para conversar sobre o Fenômeno Religioso.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2007.
- AZEVEDO, Thales. *O catolicismo no Brasil: um campo para pesquisa social*. EDUFBA (editora universidade federal da Bahia). 2002.
- CAMURÇA, Marcelo. *Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CAMURÇA, Marcelo. Panorama religioso do catolicismo e do protestantismo no Brasil. *Revista Magis: Cadernos de Fé e Cultura*. Rio de Janeiro, n. 14, 1996.
- CROATTO, Jose Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Mysterium, 2007.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GOLDIM, Marcio. Histórias, deveres, fetiches das religiões afro-brasileiras. *Análise Social*, Lisboa, v. 44, n. 190, p. 105-137, 2009. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1236787453Q7qNY4ou6Fl23NG6.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2014.
- MICHAELIS Dicionário Online. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2014.
- MONDIM, Battista. *Quem é Deus: elementos de teologia filosófica*. São Paulo: Paulus, 1997.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- SILVA, Sandra Rosa Campi Guimarães Silva. *Protestantismo: surgimento, subdivisões, crescimento no Brasil e sua relação com a política, economia e educação*, 2006.
- SILVA, Wellington Teodoro da. *Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro*. 2008.